

CONTEÚDO IDENTITÁRIO ESPECÍFICO DO CANDOMBLÉ BANTO PARA INCLUSÃO NO ENSINO BRASILEIRO COM BASE NA LEI.

10.639/2003/PR

Jeusamir Alves da Silva (Tata Ananguê)¹

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense-UERJ. E-mail: febf.uerj@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é informar e divulgar o resultado das pesquisas sob as perspectivas de identidades bantas na religiosidade afro-brasileira. Para tal, o leitor será apresentado à Divindade exclusiva do Candomblé Banto conhecida como Tempo (*Ntembu, Kitumbu*); A ancestralidade banta que envolve três modalidades a saber: ancestralidades divinizadas, ancestralidades consanguíneas e ancestralidades encantadas ou gênios da natureza, os Caboclos, onde a união com os povos indígenas brasileiros fortaleceu o Candomblé de caboclos que traz consigo uma discussão quanto a sua origem e algumas informações até hoje não reveladas. Além disso, a hierarquia dos terreiros bantos. O objeto da pesquisa foram casas tradicionais de Candomblé Banto das regiões do Brasil. A justificativa é que mesmo introduzido no Brasil, desde o século XVI ao XIX, pouco se sabe sobre esse povo, principalmente quanto a sua religião. A Metodologia utilizada compôs-se de visitas as terreiros tradicionais das regiões brasileiras, com observação participante, e entrevistas com seus sacerdotes e sacerdotisas, tudo devidamente autorizado, além revisão bibliográfica dos autores citados ao longo do texto. Espera-se que os resultados encontrados possam servir como conteúdo de identificação a ser inserido nas grades curriculares do ensino brasileiro, bem como na criação de mecanismos para a capacitação, instrumentalização, e formação de professores na temática banta, como implementação da Lei 10.639/2003.

Palavras chave: Candomblé Banto, Identidade, Educação, Inclusão.

Introdução

Arrancada de seus Reinos na Mãe África e introduzida no Brasil pelo processo colonial escravista, a população negra está dividida em três vertentes.

A primeira a trazida no século XVI, os *BANTU*. Provenientes da África Centro-Ocidental, principalmente de Angola, Moçambique e Congo (ANGELO, 2013).

¹ Mestrando em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela FEBF/UERJ. Pós-Graduado em: História e Cultura Afro brasileira (com Aperfeiçoamento e Extensão), Ensino de História, Ciências da Religião, Ensino de Artes Técnicas e Procedimentos, Ensino da Língua Espanhola, e Gestão Escolar Administração e Supervisão pela Universidade Cândido Mendes – UCAM. Graduado em História pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR. Graduado em Artes pelo Instituto Universitário CLARETIANO. Extensão Universitária em “O Povo Bantu”, pela UERJ.

A segunda vertente foi a dos *Jêje* ou *Fon*, oriundos da África Ocidental, onde o *Benim* situa-se. *Benin* era ocupado no período pré-colonial por pequenas monarquias tribais, das quais a mais poderosa foi a do reinado *Fon* de *Daomé*. Introduzidos no Brasil em meados do século XVII e XIX (PRANDI, 1991).

A terceira vertente, os *Nagôs*, vieram também da África Ocidental, do *Togo*, *Nigéria* e *Benin*, já no século XVIII (PRANDI, 1991).

Logo fica bem claro que essas Nações vindas de Áfricas diferentes (Centro Ocidental e Ocidental), são etnias pertencentes a grupos linguísticos distintos em seus costumes e tradições. Por isso, a ideia aqui foi a de elencar cinco pontos do Candomblé Banto como elementos identificadores em relação às outras nações de Candomblé (SILVA, 2011). A saber:

- a. Ancestralidade para os Bantos (*Mukulu pala bantu*);
- b. A Divindade conhecida como Tempo (*Ntembu/Kitembu*) e a bandeira branca;
- c. O *Kilulu Uafu-Za-Kuiza* (o espírito do vai e vem da morte), que nas outras nações entende-se como *Abiku* e *Abiaxé*;
- d. Candomblé de Caboclo;
- e. Hierarquia do terreiro Banto.

Dessa forma estar-se-á trazendo durante o desenvolvimento do tema conceitos Bantos referentes aos itens selecionados.

Metodologia

Para tal, utilizou-se a metodologia de visitas, observações participantes, entrevistas com depoimentos de sacerdotes e sacerdotisas bantos. Em virtude do Candomblé Banto apoiar-se na oralidade, fez-se uso das redes sociais, sites, blogs e também máquinas fotográficas, gravadores, etc. Tudo devidamente autorizado por quem de direito, valorizando desta forma a oralidade. Somou-se a essa sabedoria uma intensa revisão bibliográfica, entre autores relacionados ao longo do texto. Espera-se que os resultados possam servir como conteúdo nas grades curriculares do ensino brasileiro, bem como na criação de mecanismos para a capacitação, instrumentalização e formação de professores na temática banta, como implementação da Lei. 10.639/2003/PR.

Resultados

Espera-se que com os resultados encontrados explicitados no decorrer da discussão que segue-se abaixo, esteja-se contribuindo para a identificação, visibilidade e preservação do candomblé Banto, podendo, então, finalmente alcançar a inclusão dos mesmos como conteúdo nas grades curriculares do ensino brasileiro, bem como a sua utilização na criação de mecanismos para

a capacitação, instrumentalização e formação de professores(as) na temática banta, como implementação da Lei. 10.639/2003/PR.

Discussão

1 – Tempo (*Ntembu* ou *kitembu*)

É uma Divindade exclusiva dos Candomblés Bantos. É quem regula as passagens de tempo ou períodos, controlando os instantes e momentos e atuando sobre os intervalos e as durações. Rege a atmosfera, determinando as variações climáticas, os ciclos da natureza e de todas as coisas relacionadas ao meio ambiente. É a própria expressão da natureza agindo sobre os quatro elementos: água, terra, ar e fogo, promovendo os mais variados estágios de mudança. Cabe ao Tempo unir ou fragmentar passado, presente e futuro. É representado tanto pelo efêmero quanto pelo o que é perene.

2 – Ancestralidade para os Bantos (*Mukulu pala a Bantu*)

Dentro da temática banta podemos falar da existência de espíritos que embora tenham tido vida humana foram elevados à categoria de divindades dentro de uma ótica considerada de segunda classe, sem diminuir suas importâncias no conceito religioso. Estas divindades recebem o título de *Tata Mene* ou *Tata Mane* como são comumente chamadas nos cultos Bantos dentro de várias etnias. Possuem seus assentos feitos em troncos de árvores mortas, tendo rituais propiciatórios diferenciados das demais divindades tituladas *Mukisi* para os angolanos ou *Nkisi* para os povos do território do Congo.

Os antepassados, segundo estudos realizados a respeito de seus cultos, estão intimamente ligados aos seus descendentes por serem suas fontes geradoras. Por tanto, habitam dentro de cada ser vivente através das células matrizes que cada um possui de seus pais, avós, bisavós, trisavós, tetravós e tataravós paternos e maternos, que estão em suas conformações hereditárias e genéticas que deram origem as suas existências materiais.

3 –*Kilulu uafu-za-kuiza* (Espírito do vai e vem da morte) *Abiaxé*² ou *Abiku*³ das nações sudanesas.

A palavra *Kilulu Uafu-Za-Kuiza*, liga-se a um grupo de espíritos que segundo as religiões de origem Banto habitam as matas, considerados zombeteiros, malfazejos, cuja principal intenção é a

² *Abiaxé*. Disponível em: <<https://www.pairicardodelaalu.com/>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

³ *Abiku*. Filho da morte. Disponível em:<<https://wordpress.com/tag/abiku/>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2017.

de causar problemas nas mulheres grávidas, provocando consecutivos abortos ou fazendo com que o feto ao nascer, morra imediatamente (natimorto) ou apresente algum problema ou fato estranho que resulte na morte.

No culto *Jêje/Nagô* a pessoa é *abixé* quando: recebe todo o axé de feitura, ainda na barriga da mãe quando foi recolhida para ser iniciada no santo, porém, estando grávida sem saber. Ainda no culto *Jêje/Nagô* a criança é *abiku* quando: nascem gêmeos e um morre no parto, o que sobreviver será *abiku*; se durante a gestação a criança chora no ventre ou apresentar ao nascer um enorme sinal no rosto, tórax ou costa; se a criança nascer com seis ou mais dedos em uma ou ambas as mãos; se a criança que irá nascer for gerada antes de um ano; se a criança nascer envolta em bolsa d'água; ou se a criança nascer com o cordão umbilical enrolado no pescoço (ANGELO, 2013).

Thornton em seus estudos dividiu essas entidades em quatro categorias; as almas de familiares recentemente falecidos, que seriam ancestrais com esfera de atuação sobre seus descendentes; espíritos mais distantes e muito poderosos de pessoas que morreram há mais tempo e que tinham ação regional ou territorial; espíritos tidos como inferiores, desapegados de famílias ou territórios, que causavam problemas. Esses eram espíritos de pessoas que teriam tido morte violenta, que foram banidos ou que não tiveram um enterro apropriado e que eram evocados na ativação de amuletos na prática de feitiçarias. Por último havia *Nzambi Mpungu*, o criador do universo, o ancestral original do primeiro homem (THORNTON, 2004, p. 89).

O processo de reencarnação é diferente de outros povos, como, por exemplo, os *iorubás* que creem na reencarnação de um espírito em qualquer idade. Porém para a maioria dos povos Bantos somente os espíritos infantis reencarnam e, assim mesmo, dentro das próprias famílias. De acordo com os *Soba ou Munganga* (feiticeiros Bantos), quando o espírito do morto for de uma criança, será dito que *Nzambi* o devolverá para que possa reencarnar no útero da mãe que o havia perdido ou ainda em outra mulher daquela família, de modo que o destino (*Ufulame*) daquele espírito infantil possa ser cumprido em uma nova reencarnação, haja vista, que a morte prematura acabou interrompendo as propostas ao cumprimento de um destino reservado aquele espírito na encarnação anterior.

Segundo Thompson (2001), as crianças quando morrem são enterradas com a face voltada para o Ocidente, para que o sol que ali surge todas as manhãs possa trazer o seu espírito o mais rápido possível, o que não acontece com os adultos, que são enterrados com a face voltada para o oriente (reino dos mortos), para que cheguem mais rápido a *Sanzala Kasembe Ndiá Nzambi* (aldeia encantada de Deus).

4 – Candomblé de Caboclos

Segundo os “mais velhos”, essa interface do Candomblé de línguas bantas atende plenamente as duas nações de Candomblés *Ambundo* e *Bacongo*, pelo motivo do caboclo ser um das três ancestralidades bantas. São eles: Boiadeiros, Marinheiros, Mineiros, Pedra Preta, Sultão das Matas, Zumbi da Noite, Zé dos Anjos, Arranca Toco, Sete Flechas, Cobra Coral, Ventania, Jurema, Jupira, Jacira, Iara, Pena Branca, e muitos outros.

Mais interessante ainda, é que essas entidades em sua maioria, transmitem seus recados através de suas cantorias, danças e gestual, são bons “sambadores”, costumam salvar a todos quando chegam principalmente à cumeeira e o chão da casa. Diz quem são e de onde vem, o que vieram fazer. Cantam para ir embora dizendo inclusive para onde vão. Fumam e bebem em público e dão consulta aos presentes. São muito requisitados (PRANDI, 1991).

Edson Carneiro em seu livro *Religiões Negras* (1936, p. 87-90), refere-se ao Candomblé Banto como Candomblé de Caboclo explicando que o mesmo é um misto de práticas nagôs, indígenas e católicas. Para ele os bantos não tinham mitologia, e nem deuses suficientes para o seu culto, por isso apropriaram dos orixás nagôs, das figuras de índios e da mitologia indígena, isso tudo sincretizado com o catolicismo popular. Um ledor engano do autor demonstrado em suas primeiras considerações sobre a temática (ADOLFO, 2010).

Mais adiante Carneiro se contradiz ao afirmar que o único candomblé banto de nação congo existente era o Terreiro de Santa Bárbara, de Manuel Bernardino da Paixão. O que se pode imaginar dessa incerteza do autor é que, naquela ocasião, ele ainda não tinha conceitos claros sobre aqueles candomblés que não seguiam o padrão *Jêje/Nagô*. Nas páginas seguintes, ele reproduz um interessante depoimento do Babalaô Martiniano do Bonfim. Segundo o depoente, o primeiro Candomblé de Caboclo, leia-se Banto, foi o de Naninha, uma senhora mulata que dirigia o seu Candomblé no Moinho da antiga roça do Gantois, que desapareceu com o seu falecimento. O segundo Candomblé de Caboclo a ser citado por Martiniano foi o de Silvana, que tocava seu terreiro num local chamado Periperi (ADOLFO, 2010).

Baseado nisso, Carneiro (1936) chega à seguinte conclusão: “Daí, desses dois ‘terreiros’ de caboclo, nasceram todos os candomblés que estamos estudando”. Passa a ser, então, uma poderosa afirmação, já que o autor estava estudando os Candomblés de origem banta, nessa ocasião. Há então de concordar com Adolfo, quando este após tomar ciência das afirmações de Carneiro em *Religiões Negras – Negros Bantos*, conclui:

Por essas afirmações, podemos concluir das páginas de Edison Carneiro, que os Candomblés de feição banta, existem na Bahia desde o final do século XIX, e que, desde

seus primórdios, cultuavam os caboclos, por isso eram chamados de candomblés de caboclo. É possível que a natureza do candomblé de banto, dada a sua mítica, já nasceu cultuando caboclo. É também necessário atentarmos para o fato de que Martiniano do Bonfim foi auxiliar de Nina Rodrigues e que trabalhou como informante em suas pesquisas nas duas últimas décadas do século XIX e que Martiniano era figura conhecida nos meios africanos em Salvador. Se o Babalaô se recorda de dois candomblés de caboclo (*sic*) famosos no final do século XIX, é sinal que os bantos já tinham culto organizado desde então, mas que não foram notados por Nina Rodrigues nem Manuel Querino. Verdade é que o único nome conhecido por ele é Gregório Maquende, citado no pretérito, por tanto, dado já como desaparecido e comparado a Bernardino da Paixão, por sua seriedade na condução de sua casa. Não podemos nos esquecer de que Bernardino foi contemporâneo de Edison Carneiro e com ele estabeleceu relações de quase amizade (ADOLFO, 2010, p. 22-23).

O Candomblé Banto, outrora tachado de Candomblé de Caboclo por Edson Carneiro (1936) a título de inferiorização foi e é discriminado pelas nações *Jêje/Nagô*, principalmente por causa de seus adeptos incorporarem o Caboclo (MENDES, 2014). Porém, hoje os Caboclos são adorados e cultuados por essas nações de origem *fon* e *yorubá* com altares luxuosos e específicos, com direito a grandes festas. E o fato mais interessante é que esses terreiros de nações sudanesas⁴ nessas comemorações despojam-se de seus rituais para adotarem a liturgia banta desde a abertura dos trabalhos até o final da festa. São obrigados a tocar, cantar e dançar Candomblé de Angola (Banto). Todavia, ao fazerem dessa forma, deixam transparecer a mesma opinião equivocada de Edson Carneiro, no início dos seus estudos sobre o assunto, quando este classifica o Candomblé de Nação Banto como Candomblé de Caboclo:

O “caboclo” Ôgun é muito querido nos candomblés de caboclo, possuindo um grande número de cânticos invocatórios. Vão alguns desses cânticos: 1- *Hôxi impanzi sêrê mona de lê/ guaiá-ê, Aiyê/ guaiá-ê, Aiyê/ guaiá-ê, Aiyê* 2 - *Conzenzar’ em hôxi/conzerê mona kalá/Conzenzara/Em hôxi impanzi sêre serê moná de lê* 3 - *Comunzenzara assenzarôxa/Comundêrê aturamô/Comunzenzara assenzarôxa/* 4 - *Ogun venceu a guerra!/ Já mandei oiá oiá* (CARNEIRO, 1936, p. 92).

5 - Hierarquia do terreiro banto, segundo a tradição oral.⁵

Conclusão

⁴ Festa do Caboclo Pena Branca no terreiro de nação *ketu Ilê Asé Álá Obatalandê* (09/06/2018). *Babalorixá* Anderson de Oxalá. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nMM1IKquv3Q&t=128s>>. Acesso em 10 de agosto de 2018.

⁵ Ver anexo A ao fim deste artigo.

A título de implementação da Lei. 10.639/2003/PR que obriga o ensino da história do negro na África e no Brasil no Ensino Fundamental e Médio fez-se necessário criar este trabalho para inclusão nas grades curriculares, com os conteúdos da outra interface da cultura afro-brasileira, os *BANTU*, através da sua religião, o Candomblé *Bantu*. Desse modo, foi possível descortinar a história de um povo que apesar de ter participado ativamente da construção desse país, bem como da formação da sua língua, teve a sua história negada por quase quinhentos anos. Em razão disso, devida à amplitude e complexibilidade da cultura e religião banto, espera-se que muitos outros recortes surjam sobre o referido tema.

Referências

ADOLFO, Paulo Sérgio. *Nkissi Tata dia Nguzu, estudos sobre o candomblé Congo-Angola*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2010.

ANDRADE. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/navios-negreiros/>>. Acesso em 18 de julho de 2014.

ÂNGELO, A. *O Povo Bantu, Mitos e deuses africanos de Angola: as influências culturais e religiosas Brasil/Angola*. Disponível em: <<http://www.cepuerj.uerj.br/desccurso.aspx?curso=325>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2014.

CARISE, Iracy. *Máscaras Africanas*. São Paulo: Madras, 1998.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Tecnoprint, 1936.

_____ *Religiões Negras – Negros Bantos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1936.

GOIS, Damião de; RESENDE, André. *Edições quinhentistas*. Coimbra: Coimbra, 1974.

HAMA, M. Boubou; KI-ZERBO, J. *Tempo mítico e tempo histórico na África*. Correio da Unesco ns. 10-11, ano 7, 1979.

KI-ZERBO. Josef. *História Geral da África.v.1*. São Paulo: Cortez, 2011.

LIVINGSTONE, David. *Exploracion, dans L'intérieur de la Afrique*. Trad. Franç de Mme Loreu. Paris, 1859.

LOPES, N. *Bantos, Malês e Identidade Negra*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

MENDES, Andrea. *Vestidos de Realeza: fios e nós centro-africanos no candomblé de Joãozinho da Goméia*. Série Recôncavo da Guanabara. Volume 1. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2014.

PEREIRA, Amilcar Araújo. *A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela "reavaliação do papel do negro na história do Brasil"*. Caderno de História, Belo Horizonte, v.12, n.17, 2º sem. 2011.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1999.

REDINHA, J. *Álbum Etnográfico*. Angola: C.I.T.A, 1987.

THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*. In: E. P. Thompson. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

_____ *A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400 – 1800*. Rio de Janeiro: Elviesier, 2004.

THORNTON, John K. *Legitimacy and Political Power: Queen Njinga, 1624-1663*. The Journal of African History, Vol. 32, No. 1 (1991), pp. 25-40.

VANSINA, J. *A tradição oral e sua metodologia*. In KI-ZERBO, J. *História Geral da África* Volume I. Metodologia e pré-história da África. Brasília – UNESCO, 2010, p. 139-166. Cap.7.

ANEXOS:

Anexo A - Hierarquia do terreiro banto, segundo a tradição oral

<i>Tatetu ia Mukisi – sacerdote (Kimbundu)</i>
<i>Mam'etu ia Mukisi – sacerdotisa (Kimbundu)</i>
<i>Nganga ia Nkisi – sacerdote (kikongo)</i>
<i>Nengua ia Nkisi – sacerdotisa (kikongo)</i>
<i>Tatetu Ndenge – pai pequeno (kimbundu)</i>
<i>Mam'etu Ndenge – mãe pequena (kimbundu)</i>
<i>Eakota Tororó – mãe pequena (kikongo)</i>
<i>Nengua Ndumba – mãe pequena (kikongo)</i>
<i>Nganga Ndumba – pai pequeno (kinkongo)</i>
<i>Tata Kimbanda – Pai/sacerdote preparador de encantamentos, pós e beberagens para a prática cura no culto Banto</i>



<i>Kambundu</i> ou <i>Kambono</i> – todos os homens confirmados no culto Banto
<i>Kissikarangombe</i> – <i>Kambonde</i> de modo geral (faz tudo) no culto Banto
<i>Xikarangoma</i> – <i>Kambonde</i> de atabaque de forma geral
<i>Muxiriki</i> – <i>Kambonde</i> tocador do atabaque maior (<i>kumbi</i>)
<i>Muxiki</i> – <i>Kambonde</i> tocador do atabaque médio (<i>kukumbi</i>)
<i>Mubixika</i> = <i>Kambonde</i> tocador do atabaque menor (<i>kakumbi</i>)
<i>Njimbidi</i> – <i>Kambonde</i> responsável por selecionar os cânticos e executá-los nas <i>9onsanguí</i> (festas e rituais)
<i>Kivonda</i> – <i>Kambonde</i> sacrificador de animais
<i>Poko</i> – o mesmo que <i>Kivonda</i>
<i>Mabaia Kambone</i> responsável pela harmonia e ordem do terreiro
<i>Sakala Kambonde</i> secretário que transmite as ordens do sacerdote ou sacerdotisa aos demais.
<i>Lumbindu</i> – <i>Kambonde</i> responsável por abrir e fechar todas as dependências da casa
<i>Kisaba</i> ou <i>Ki-nsaba</i> – <i>Kambone</i> conhecedor e colhedor das ervas sagradas
<i>Utala</i> – <i>Kambonde</i> dos rituais do <i>Ndemburu</i>
<i>Makota/Jikota</i> (plural) – Segunda pessoa no culto Banto
<i>Makota Mbakisi</i> - responsável em vestir, conduzir e dançar com as divindades
<i>Makota Infula</i> – responsável pelas comidas sagradas das divindades
<i>Makota Mulambi</i> ou <i>Mukamba</i> – cozinheira das comidas profanas
<i>Makota Matona</i> – responsável pelas pinturas das <i>muzenza</i> . Devem ser de <i>Nlemba</i> , <i>Kaia</i> , <i>Kissiki</i> ou <i>Ndandalunda</i> .
<i>Kota</i> – Filhos (as) com mais de sete anos de iniciados.
<i>Muzenza</i> – Noviço (a) até seis anos de santo feito.
<i>Ndumbi</i> – adepto ainda não iniciado.

Anexo B – Carta do Gabinete pessoal da Presidência da República para a CRBNDM



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Gabinete Pessoal da Presidenta da República

Brasília, 08 de setembro de 2011.

JEUSAMIR ALVES DA SILVA

Presidente

Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições

Bantu no Brasil - ANCACTBB

Rua Valdemar Vago, 90 - Corumbá

26042000 - NOVA IGUAÇU - RJ

Prezado Senhor,

Em resposta ao Ofício nº 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM de 23/08/2011, endereçado à Presidenta Dilma Rousseff, informamos que o assunto foi encaminhado ao Ministério da Educação pelo Ofício COR/GP/PR: 1272/2011 de 08/09/2011 para análise e eventuais providências.

Cordialmente,

CLAUDIO SOARES ROCHA
Diretor
Diretoria de Documentação Histórica

Anexo C – Ofício Resposta do Mec para a CRBNDM



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo I - Sala 401 - 70.047-900 - Brasília, Distrito Federal, Brasil
Fones: (61)2022 9035 e 2022 9042 - Fax: (61) 2022 9041

Ofício nº *2962*/2011/DPECAD/SECADI/MEC

Brasília, *31* de outubro de 2011

A Sua Senhoria o Senhor
Jeusamir Alves da Silva
Presidente da ANCACTBB
Rua Vademar Vago, nº. 90
26.042-000 – Nova Iguaçu/RJ

Assunto: Luta pela inclusão da História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03.

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, referimos ao Ofício nº. 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM, de 23 de agosto de 2011, quanto a inclusão da **História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03**, consideramos relevante a solicitação proposta e a temática será apresentada aos Fóruns de Diversidade Étnico-Racial para avaliação e orientação aos sistemas de ensino.

Atenciosamente,


Viviane Fernandes Faria
Diretora